



Director literario:

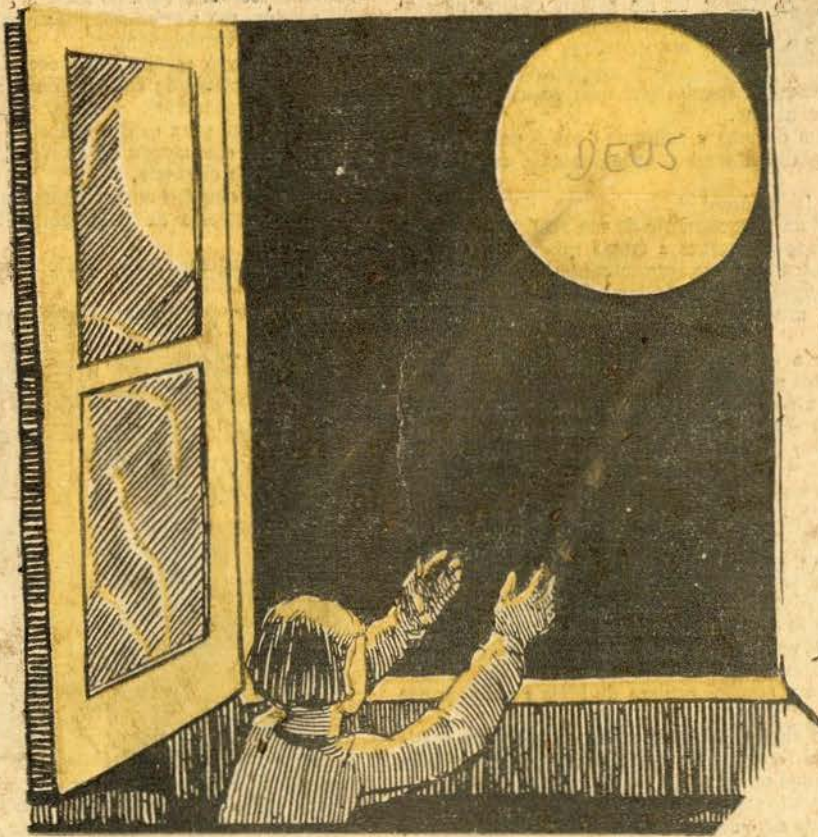
André de Oliveira
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Edvard Munch
PAPUSSE

L
U
A
C
H
E
I
AP
O
R
S
A
L
O
M
É
N
E
V
E
S

— Uma criança, olhando a lua cheia dum tom rubro:

O' minha mãe, venha ver
Que lindo balão nos céus
Todo vermelho, redondo
Será do Menino-Deus?

Andará Jesus brincando?
Por ser noite de S. João,
Teria deitado ao vento
Aquele lindo balão?

Quando fôr pelo Natal,
Eu hei-de ir, pé ante pé,
Pôr os meus lindos sapatos,
A' noite, na chaminé.

Não hei-de fazer barulho
Hei-de estar muito quietinha;
Verei o Menino-Deus
A um canto da cosinha.

Depois, quando éle chegar
Hei-de lhe dizer assim:
—O' meu Menino Jesus,
Boquinha de querubim,...

Quero pedir-te um favor,
Tu não me dirás que não...
Em lugar doutros brinquedos,
Se me dás o teu balão?!

Volta ao céu num instantinho
Eu fico a esperar-te aqui;
Os bonitos que eram meus
Podes guardá-los p'ra ti,—

A COCINELA

:: Talismã ::

POR ZINA CABRAL

Desenhos de E. Malta



MA criança vestida pòbremente, mas com asseo, atravessava aquela rua sombria, lamacenta...

O dia conservava-se enovado e soprava uma brisa gélida. A chuva miudinha, como peneirada em fino crivo, atormentava os viandantes e a misera criança de rosto macilento e de olhar triste, descalça, tiritante, caminhava apressada com as mãos

nas algibeiras, cabecita envolta por uma boina de cor duvidosa, tal o uso contínuo.

Atractivo algum detinha o pequeno e assim passava sempre ávante dos estabelecimentos ornamentados com beleza e critério.

! Que vitrines tentadôras!

Primeiro avistara o mostruário de um restaurante enfeitado com boas carnes, peixes e frutas saborosas. O olhar exprimira-lhe cobiça de certa iguaria confortavel e substancial para o estômago cheio de fome e também para o de sua Mãe e Irmã, muito doentes, desfalecendo à mingua de recursos...

Seguia-se-lhe a exposição de calçado numa sapataria. ! Tão lindos sapatos para elas!...

Aquém, mais a um canto, apercebera, de relance, umas botas consistentes para os seus pés roxos de frio! As últimas que possuira, guardara-as num canto do sótão... Sola, quasi não existia, o cabedal esburacado no cimo, deixava-lhe os deditos de fóra...

Pressuroso, seguia sempre sem detença e agora o olhar muito triste desliza-lhe por certa mostra ornada com os matizes singulares e bizarros de fazendas bem dispostas para atrair a atenção dos que passavam...

Algumas dessas fazendas, desejava poder obtê-las a fim de abrigar os corpos das suas doentinhas e reformar as duas únicas blusitas de percal, já bastante remendadas e as duas saias bem transparentes pelo uso...

Mais além, uma mostra repleta de bons e fortes panos brancos!

Se possuísse dinheiro, adquiriria uns metros para camisas. Lá em casa só havia duas: uma da Mãezinha, outra da Irmã e eram vestidas nos dias da visita do farmacêutico, um bom senhor que tanto auxilio lhes prestava...

! Deus, a quanto não montaria a dívida na farmácia!...

! E no padeiro... no talho... na mercearia... no lugar da hortaliça?...

Todas estas idéas tristes se acumulavam no pequenino cérebro de Artur — assim se chamava a criança — e com o coração oprimido de angústia, caminhava ainda mais, alargava o passo tanto quanto podiam as suas frágeis pernas, o corpo fatigado e doente, alquebrado de vigílias, de frio e de fome.

E deveria tornar-se alguém o pequenito (visto ser inteligente e possuir bons dotes de coração) se pudesse aprender nos bons livros tudo o que, com tristeza, ouvia ler aos garotos, seus vizinhos!

Aquelas coisas tão lindas!... tão lindas!...

Aqueles sinais negros tão expressivos — letras lhes chamavam — e as palavras formadas por essas letras, como êle as quizerá decifrar!...

Tão absorto neste meditar profundo, quasi passava além da farmácia do bom velhote,

E lá estava êle a ler uma receita entregue havia instan-

tes por uma pobre mulher coberta de vestes andrajosas que limpava a furto certa lágrima rebelde em assomar aos olhos baços de pranto.

O bondoso Senhor Ferreira atendia todos com o mesmo disvelo, sem olhar a condição humilde ou elevada de qualquer cliente!

! Que aspecto tão simpático o seu!

Figura esbelta, rosto de feições regulares guarnecido por dois olhos grandes e vivos, a barba e o cabelo já completamente alvos, da alvura do linho... e nos lábios finos; bem delineados, um sorriso sempre acolhedor, uma palavra sempre amiga e consoladora.

Estaria rico se não fóra a sua alma carinhosa, propensa só ao bem, condoída das misérias humanas...

Vivia confortavel, é certo, mas a maioria dos lucros auferidos iam para os indigentes.

Naquele dia, apesar de chuvoso, a farmácia conservava-se repleta de clientela,

Os empregados iam e vinham numa azáfama constante e o Senhor Ferreira de todos pretendia cuidar, também pressuroso.

Atendia agora, com bastante respeito, uma senhora nova



ainda, pouco bonita, mas atraente, de maneiras agradáveis e distintas. Trajava luto rigoroso e chegara há pouco num esplêndido trem puxado a dois formosíssimos e irrequietos alazões.

Apesar da conversa parecer animada, os olhos do farmacêutico bailavam constantemente de um para outro lado, acima das lunetas acavaladas na ponta do nariz. Avistou portanto o rapazinho que ora entrava e se lhe dirigia:

— Muito boa tarde, Senhor Ferreira. Minha Mãe pede-lhe o favor de enviar por mim um remédio para lhe abrandar as dores sentidas no peito... A Tereza também continua tossindo. Queixa-se de dores mais fortes... Diz que tenciona ver se pode levantar-se qualquer dia para retomar o trabalho. Devemos tanto... e a V. Ex.^a então...

— Bom, bom, atalhou o venerando farmacêutico. Vai-se preparar um medicamento eficaz para essas dores violentas. Vai também mais algodão iodado. Quanto a tua irmã não permito que se levante por enquanto. Logo irei falar com ela...

E em voz baixa ordenou a um empregado o aviamento da receita necessária.

Entretanto a dama havia-se afastado um pouco. Olhava o pequeno com atenção e reparava-lhe no aspecto doentio, na figura esquelada, no olhar maguado e triste.

Algo impressionada pela conversa acabada de ouvir e, mais ainda, pela observação directa dos seus raios visuais, interfegou o velho Ferreira acerca da família do petiz:

— Na realidade, são dignos de comiserção... O pai do pequeno Artur era débil de constituição e em virtude do alcoolismo e outros abusos, adquiriu dentro em pouco a inevitável tuberculose. Faleceu há sete anos e a viuva com o filho, de poucos meses apenas, e a pequena com oito anos, viu a fome e a ruína a dentro do lar. Arrostou uma vida de trabalho inhumano. A fadiga prostrou-a em certa altura e já aguarda há muito o leito. Creio mesmo não poder recuperar a saúde perdida. Daqui lhes vão todos os medicamentos necessários e até algum dinheiro, mas tudo isto não satisfaz na sua totalidade, o estritamente indispensável ao tratamento rigoroso das três criaturinhas...

A filha, rapariga activa e inteligente, apesar da sua pouca idade, trabalhava ultimamente em casa, na profissão que aprendera — costureira e bordadora. — Prestava um enorme auxílio, todavia para suprir as despesas restritas demais com a mãe no estado em que se encontra, trabalhava em demasia para a sua idade e péssima alimentação. Um dia enviou aqui o irmãozito para eu ir vê-las. A mãe peorara e ela, bastante alquebrada e com febre não podia sustê-lo em pé. Fui. Vou lá quasi diariamente, porém tenho tantos doentes a socorrer...

A bondosa dama confrangida pelo relato do velho farmacêutico, informou-se da morada de Artur e partiu ao trote largo dos seus fogosos cavalos.

Artur, bastante acabrunhado, aguardava a um canto o aviamento dos remédios, ansioso de regressar a casa onde a mãezinha o estaria aguardando por certo já anciosa...

— Desta vez a demora fôra maior, pensava, quando uma voz o despertou do seu triste reflectir.

— Aqui tens, meu pequeno. Leva isto às doentinhas.



Dize a tua mãe que a vossa conta, entendes bem? que a vossa conta não existe.

O garoto muito admirado, arregalava desmedidamente os lindos olhinhos de coloração castanha. O Senhor Ferreira, após as suas palavras acorrera à gaveta e tirara um enorme

livro. Aberto êle, em certas páginas passara-lhes um traço rubro e obliquo e gravara na última lauda uns caracteres vermelhos também.

— Compreendeste o que eu te disse há pouco? Dize às tuas doentinhas que já não devem coisa alguma na farmá-



cia. Fiz por conta própria o saldo de todos os medicamentos enviados até hoje... Agora vai depressa levar esta boa notícia, disse ao bater amavelmente uma palmadita na face da criança embevecida.

Artur satisfeitíssimo, agradeceu e partiu veloz com o seu pequeno embrulho.

Naquela manhã, ao levantar-se, avistara uma borboleta branquinha, junto à única janela da casa e por ter sempre ouvido falar na boa profecia de tal aparição, o seu pequeno cérebro interrogara-se. Agora a bôa nova surgira-lhe de modo inesperado...

Lépido satisfeito, Artur continuou o caminho de casa. Súbito, ao voltar a esquina perto do gradeamento existente na vedação dum soberbo jardim, esvoaçou dentre um rincão florido de esplendorosos cravos pintalgados, uma Joaninha, (designação popular de um insecto pequenino, com dois pares de asas vermelhas e cujo nome científico é *Cocinela*).

A crença popular atribui a êsse pequeno insecto, o poder de tornar muito feliz a pessoa sobre quem poisar. Assim, a criança ao vê-lo no bracito, parou surrateiramente, tentou apanhá-la e conseguiu-o.

A sua alegria atingiu o auge. Correu rua fóra, Ofegante, erguia o braço a empunhar a Joaninha. Mal podia articular palavra ao entrar em casa:

— Mãezinha... Teresita... trago aqui a felicidade para ambas!

Desta vez ainda nova surpresa o aguardava. As doentes vestidas, sentadas junto à cama pareciam aguardar alguém e da sua côr terrivelmente macilenta, sobressaía um sorriso feliz aflorado aos lábios descolorados.

Após o primeiro momento de surpresa e hesitação, acorreu, num impulso para ambas:

— Foi a minha Joaninha, foi a minha Joaninha que trouxe a alegria! Foi... não se riam!... E como hei-de eu conservar agora a Joaninha cá em casa? Sim... porque eu quero ver as minhas doentinhas curadas e alegres?

Uma viva comoção agitou as doentes e as lágrimas, os beijos e os risos, fundiram-se-lhes ao abraçar o pequeno Artur.

Por sua vez êle tagarelando transmitiu o recado do sr. Ferreira e a mãe, ao escutá-lo, pensa:

— Este pequeno... êste pequeno irá longe... Virá a ser alguém, tão alevantados são os seus sentimentos, tanta nobreza encerra a sua alma pura...

E a mãe diz-lhe:

— Artur, escuta bem o que tua irmã vai contar. Eu não posso falar muito... Estou fraca... Teresa fala então:



Era uma vez...

O PEQUENO SALTIMBANCO

POR MARIA ROSA RÉSÉDÁ

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

R

ATAPLAN, rataplan, rataplan plan, plan plan... Ouve-se rufar o tambor, numa marcha alegre, fazendo aparecer às janelas muitas cabeças de crianças contentes por terem nova distração.

— Que engraçado pequeno! — exclamou uma delas.

E Pedrito, que ouvira a exclamação, ergueu os olhos muito azuis para a janela donde ela tinha partido. Pôs o tambor na borda do passeio, e começou a

fazer habilidades, dando saltos e cambalhotas com uma cara tão cómica e uma agilidade tal, que por todos os lados se ouviam gargalhadas. A volta do pequeno saltimbanco, tinha-se juntado muita gente. Quando ele acabou, uma salva de palmas veio recompensá-lo do trabalho que tivera, ao mesmo tempo que, no pequenino boné, caíram algumas notas, que Pedrito agradeceu com um meigo sorriso. Depois tornou a pendurar o tambor ao pescoço, e, distribuindo uns pequenos papeis que anunciavam uma representação, ao ar livre, para aquela noite, continuou o seu caminho seguido por uma multidão de garotos.

Estava um frio cortante. O pequeno tiritava; tinha os pés e as mãos rixas, mas, apesar disso, continuava manejando com verdadeira mestria as baquetas do seu tambor, atraído, assim, muita gente. Os garotos começaram a debandar, e, por fim, o pequeno julgando-se só, começou a contar o dinheiro que ganhara. Apenas quinze tostões! Enfim, para ele, que nada tinha, era uma fortuna. Precisava tanto duns sapatos! Mas para isso tinha que arranjar muitos quinze tostões... Paciência; antes de mais nada ia comprar alguma coisa, para comer. Deu um suspiro. Tão pequeno ainda e ter que trabalhar tanto! O pai ao morrer entregara-o a um amigo, que era empresário de uma companhia de circo e que, vendo-se arruinado, se tornara num simples saltimbanco. Pedrito não tivera mais remédio senão segui-lo de terra em terra, embora não lhe agradasse muito o ofício. O que lhe valia era gostar tanto de tocar tambor. Absorvido nos seus pensamentos, não reparou numa pequenita coxa, que, parada diante dele, olhava para o dinheiro com alguma cobiça.

— Queres alguma coisa? — perguntou Pedrito, admirado, ao vê-la.

— Sim, respondeu a pequena, estendendo a mãozinha. Venho muita fome, dá-me dinheiro para ir comprar pão.

— Como te chamas?

— Beatriz, respondeu ela. A minha mãe está doente; não temos dinheiro em casa, e os meus irmãos choram por

que tem fome. Eu, então, sai a ver se arranjava algum, ao menos para comprar pão...

Os olhos da criança encheram-se de lágrimas. Pedrito comoveu-se com tanta miséria; afinal havia alguém mais infeliz. Ele podia trabalhar, mas a pequena, assim aleijadinha, que poderia fazer? Lembrou-se, então, das palavras do sr. prior, quando ia à catequese, no tempo em que o pai vivia:

— «Ajudai-vos uns aos outros, porque quem dá aos pobres empresta a Deus».

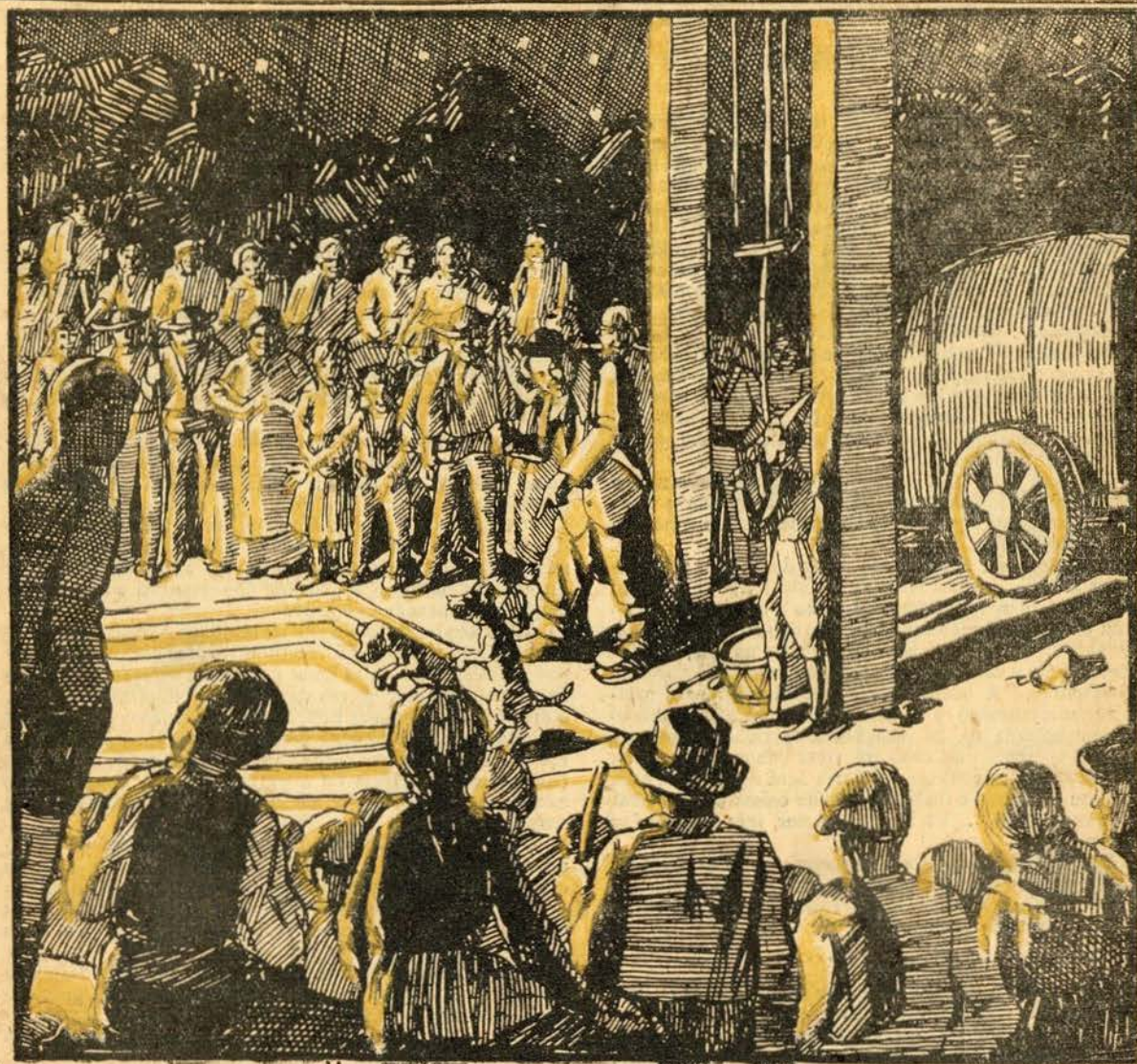
Pegou nos quinze tostões e deu-os a Beatriz. As lágrimas da pequena tinham-se-lhe secado, como por encanto, e os olhos brilhavam agora com uma alegria tal, que pareciam a Pedrito duas estrelas.

— Dás-me este dinheiro todo, todo?!

— Sim, vai depressa comprar pão e o resto leva-o a tua mãe.

Não foi preciso dizer-lhe duas vezes; a pequena entrou logo numa padaria, saindo daí a pouca com um pão. E Pe-





drito, que a seguira, tomou outra rua, afastando-se lentamente, e não reparou que, dum janelas, alguém tinha visto a sua boa acção.

Nove horas da noite. O largo está brilhantemente iluminado e cheio de gente. O nosso Pedrito não parece o mesmo. Traz um fato de palhaço de diferentes cores todo bordado a lantejoilas, e na cabeça um chapéu em forma de bico que o faz parecer mais alto. Para caber mais gente tinham feito uma espécie de estrado bastante alto e que, num instante, se encheu. Lá estava Beatriz com uma cara muito satisfeita.

Rataplan, rataplan plan, plan...

O tambor anuncia que vai principiar a representação. Começam por aparecer uns cãesinhos sábios que dançam ao som de uma flauta e fazem várias habilidades. Depois muitas variedades que seria difícil enumerar. O último número era o pequeno saltimbanco. Mas, de repente, as tábuas que seguravam o estrado onde estava Beatriz, partiram-se. As pessoas que estavam sobre ele, quasi tudo homens, puderam fugir. Só ficou a pequena côxa, que ninguém se lembrou de tirar. Agarrada a um pedaço de madeira, muito pálida, ela olhava a enorme distância que a separava do chão. O momento era crítico. Sentiam-se estalar as táboas; a pequena deu um grito. Mas Pedrito vendo o perigo que corria a sua amiguinha não hesitou. Dum salto encontrou-se junto dela. Firmando-se nas pernas, agarrou-a com todo o geito. Começou a descer devagarinho. A madeira oscilava, mas felizmente já faltava pouco. Alguns braços estenderam-se; pegaram na pequena. Estava, enfim, salva! Era tempo;

desmoroçou-se tudo com grande barulho, Pedrito com outro salto escapara da morte, mas tinha apanhado numa das mãos uma forte pancada e o sangue corria-lhe em abundância. O pequeno saltimbanco não tinha só bom coração, era também um valente. Uma senhora de idade, toda vestida de preto, em cujo rosto se lia a bondade, acercou-se de Pedrito.

— E' bonito o que tu fizeste, sabes?! disse ela, acariciando-o. Vem comigo a minha casa que eu trato da tua ferida. Não tenhas medo, o teu patrão dá licença.

Pedrito tivera sorte. A boa senhora tinha tido um grande desgosto com a morte dum neto da mesma idade de Pedrito e muito parecido com ele. Tendo visto da janela a boa acção do pequeno, ficára impressionada e, vendo a sua valentia, resolveu adoptá-lo, o que só conseguiu com alguma dificuldade, porque o saltimbanco não queria ceder.

— De hoje em diante, disse ela, has-de chamar-me avó; quero convencer-me que o meu neto não morreu.

De pé, encostado à janela, olhando a rua através das vidraças, aquela mesma rua em que ele, pequeno saltimbanco ainda, estivera conversando com uma pequenina coxa, Pedrito pensa... No seu fato à marinheiro ninguém diria o pequeno esfarrapado das ruas. Para a sua felicidade nada lhe falta porque a espalhou também no lar da pequena Beatriz. A boa senhora tomou-a sob a sua protecção. Na-

(Continua na página 6).

(Continuação do conto A COCINELA)

— Esteve aqui, há bocadinho, uma senhora viúva. É muito rica, não tem família, e dedica todo o seu tempo e fortuna a auxiliar os necessitados como nós. Soube da enorme indigência que arrostamos; teve conhecimento das nossas boas qualidades de trabalho e veio, muito simplesmente expôr o que resolve fazer em nosso benefício. Não tarda aí a carruagem com a sua mais velha serva e ela nos levará para uma linda quinta situada na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, ao cimo da rua da Beneficência. Eu conheço o local por entregar na dita rua, alguma obra minha para certa freguesa... É um sitio muito saudável e ali ficaremos com bastantes comodidades e em rigoroso tratamento.

Tu serás levado quando estas em condições, para um colégio, e se fóres sempre bom e estudioso, poderás seguir a profissão que fór da tua preferência. Eu irei nessa ocasião para a companhia da bondosa senhora. Teremos assim de nos separar por algum tempo...

— Mas será para bem de todos nós, respondeu a mãe a chorar, resignada; principalmente meus filhos, para o vosso bem estar futuro. Peço só a Deus, continueis a ser bondosos e reconhecidos...

— Oh mãesinha, interrompeu Artur de chôfre, a mãesinha fica sempre lá nessa tal casa sôsinha? Não, assim não quero... não quero! Um gesto de amuo e umas carícias no rosto da doente, completaram o sentido da frase do pequeno. A mãe sorriu, apertando-o bem de encontro ao seio, e a Teresa calculando a sua comoção, continuou:

— Patetinha! A nossa mãe estará lá até ao seu completo restabelecimento e após a nossa saída não viverá só mas acompanhada da tal boa velha serva, que hoje nos vem buscar. Depois da cura irá viver junto de mim e da nossa bemfeitora, a Senhora D. Maria José de Queiroz, num palácio muito grande e lindo, repleto de coisas belas e ricas como nunca viste... Tu, querido Artur, irás lá passar as férias também...

— Que bom assim! disse o pequeno a bater as palmitas e a saltar de contente, esquecido da Joaninha que retomara apressada a liberdade perdida e fugira pela porta entreaberta ao sol ridente agora...

De facto tudo se passara conforme a previsão de D. Jeja (nome vulgar da ilustre senhora D. Maria José).

Os inúmeros cuidados e disvelos prestados aos doentes, haviam conseguido um robustecimento lento mas seguro.

Logo que o tempo o permitira, enviara-os para a Serra da Estrela—tão soberba com o lindo manto niveo que conserva orgulhosa, ainda mesmo nos meses de calor mais intenso,— e ali a cura não se fez esperar. Depois daquela estadia passaram ámbas a viver no palácio magnificente.

O pequeno seguiu com primor todos os seus estudos primários e secundários. Fóra sempre o primeiro aluno laureado. Os condiscipulos admiravam-o, os professores estimavam-o. A mãe e a irmã orgulhavam-se do prodígio. Quanto a D. Jeja amava-o como a um verdadeiro filho!

Quando o interrogara acerca da sua preferência numa carreira brilhante, respondera sem hesitação:

— Só abraçarei com ardôr o curso de medicina e desejaria imenso especialisar-me em doenças pulmonares e de garganta.

Assim, completado o curso em Lisboa, os quatro partiram para a bela capital da França. Dali, seguiram à Bélgica, Holanda, Alemanha, Itália e Suíça, onde Artur se aperfeiçoou.

O regresso a Portugal fizera-se havia três anos e o bom doutor exerce agora a sua clínica em Lisboa, sem levar dinheiro aos doentes pobres, antes só a receita lhes deixa quantia suficiente ao pagamento dos remédios e dos alimentos indispensáveis à cura.

Artur demonstra assim não ter olvidado o passado. A grandeza em que ora vive não o tornou vaidoso e mau, nem ofuscou os seus mais belos dotes de alma e coração! É fóra as horas de trabalho e estudo dedica-se em absoluto à família e diverte-a com os seus ditos espirituosos, com as anedotas encantadoras do seu tempo de estudante, com a leitura feita em voz alta, de livros cativantes, úteis e alegres, ou com os passeios de carruagem ou a pé em visitas às propriedades administradas agora por ele com criterioso esmero e bom senso.

Ao avistar, porém, uma borboleta branca envia-lhe sempre um ósculo, pois é levado à recordação íntegra daquela célebre manhã e de alegria anunciada por outro lepidoptero.

Se se apercebe de alguma Cocinela, a sua emoção é ainda mais intensa. Vai pressuroso tentar agarrá-la, afaga-a, e, ao dar-lhe a liberdade, cicia com ternura!

— Vai querida Cocinela. Deus te guie a um lar desprotegido e lá consigas levar a fé num bem futuro, tal como outra «donzelinha» a levou ao meu lar naquele dia jámais olvidado... em que eu, tiritante de frio e fome, atravessava a rua em direcção a casa...

(Continuação do conto O PEQUENO SALTIMBANCO)

quela casa onde dantes reinava a dôr e a fome, reina hoje o bem estar e a alegria.

Apesar disto tudo, Pedrito anda triste. Não faz caso dos brinquedos espalhados à sua volta. Falta-lhe um, de que é muito gostava, mas que não ousa pedir. De repente ouve um som muito seu conhecido:

— Rataplan, rataplan, rataplan, plan plan...

São soldados que passam para algum exercício. Duas lágrimas assomam aos olhos do pequeno; é que ele não pode esquecer o confidente das suas tristezas e das suas alegrias — o seu querido tambor. Foi a unica saudade que lhe ficou da vida de boémio. Neste momento entrou a sua protectora, que, tendo ouvido o tambor, leu no rosto do pequeno tudo

o que se passara. No dia seguinte estavam acabando de almoçar quando a criada entrou com um embrulho:

— É um presente para o menino.

A avó sorriu e fez sinal ao pequeno que podia abrir. Pedrito com as mãos um pouco trémulas, porque adivinhara o que era, começou a desembulhar. Oh, que alegria! Apareceu um lindo tambor com as respectivas baquetas. Pedrito, não cabendo em si de contente, agarrou-se à avó cobrindo-a de beijos.

— Obrigado, obrigado, avózinha!

Depois correu ligeiro para o jardim, ouvindo-se, daí a pouco, uma marcha alegre:

— Rataplan, rataplan plan plan, rataplan plan plan... Pedrito era agora completamente feliz.

LI-
ÇÃO
DE



DE
SE
NHO

ADIVINHAS



Meus meninos: — Vejam se descobrem onde está a cabeça dêste cavaleiro.



E agora vejam se descobrem a quem o Charlot está dizendo adeus.

COLABORAÇÃO INFANTIL

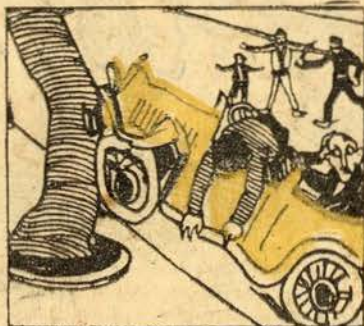


Desenho
do
menino
Francisco Taborda
de 10 anos de idade.

DOM CALIXTO ENGUICEIRA



A Dom Calixto Enguiceira,
De Sarilhos natural,
Nascido a uma sexta-feira:
Dia treze pôr sinal.
Não sei porque arte matreira,
Tudo lhe corria mal!



Se entrava numa «tipóia»
Num «taxi» ou «side-car»
Para ir ouvir a Góia
Ou o Chabí recitar,
Sofria logo tramóia,
la tudo pelo ar!...



Se num vapor viajava,
Caminho do novo mundo,
A caldeira rebentava
Ou o vapor ia ao fundo;
E só por fim se salvava,
Mas já quási moribundo;



Danado, fulo com isso,
Cansado de tanto azar,
Farto de tamanho enguiço,
Eis se decide enforcar
Com as cordas dum chinguço
Mesmo à mão de semear.



Prende-as a uma alta ramada
Sôbre um pequenino poço,
Lêvemente debruçada;
E com um grande alvoroço,
Dando à ponta um laçada
Enfia nela o pescôço.



Porém, (não sei porque arte
De berloques ou berliques),
A ramada verga e parte,
E Calixto aos tremeliques
Tomba sem «tir-te nem guarte»
No poço do mestre Henriques.



Mas como é sempre debalde
A luta contra o Destino,
—(Haja em vista o Garibalde,
O Rivera e Mussolino)—
Dentro dum enorme balde,
Ei-lo salvo, são e fino!

E Dom Calixto Enguiceira,
Salvo e são mas maguado,
Scisma agora na maneira
De quebrar o mau olhado,
Visto que está condenado
A viver queira ou não queira!

